

Narrar com Mulheres: um convite para outras práticas éticas-estéticas-políticas de pesquisa

Paula Land Curi¹
Luiza Christina Marques de Souza²

DOI: <https://doi.org/10.22409/pragmatizes.v15i29.66775>

Resumo: O presente artigo surge de inquietações provocadas pelo pesquisar com mulheres em situações de violências de gênero, tendo como plano de fundo encontros grupais em um ambulatório universitário especializado. Empreende-se uma trajetória que assume uma indissociabilidade entre estética e política, conteúdo e forma, para convocarmos um projeto ético-estético-político que se contrapõe aos ideais da neutralidade científica e à violência da objetificação dos que coexistem nos processos de construção de uma pesquisa. Partiremos, pois, de um esforço crítico-analítico e experimental-ensaístico situado e parcial, a partir do qual exploraremos formas outras de produção acadêmica. Em específico, apostar-se-á na contação de histórias como uma das possíveis ferramentas que permitem o materializar por meio da linguagem criativa, da vibração da violência nos corpos das mulheres e, especialmente, em nosso corpo que pesquisa e escuta. Isso posto, coloca-se um convite para idealizarmos a produção de conhecimentos que tentem dar contorno e existencialização aos processos de construção e destruição que ali são acompanhados, de forma a facilitar a emergência de mundos pautados na multiplicidade e dignidade das formas de vida das mulheres.

Palavras-chave: violências de gênero; narrativas; metodologias de pesquisa; feminismos.

Storytelling with Women: an invitation to other ethical-aesthetic-political research practices

Abstract: This article emerges from concerns arising from research conducted with women experiencing gender-based violence, within the context of group meetings held at a specialized university clinic. It embarks on a trajectory that posits the inseparability of political and aesthetics, content and form, to advocate for an ethical-aesthetic-political project that stands in opposition to the ideals of scientific neutrality and the violence of objectification of those who coexist in the processes of research construction. Consequently, we initiate a situated and partial critical-analytical and experimental-essayistic endeavor, from which we explore alternative modes of academic production. Specifically, we propose storytelling as a potential tool that enables the materialization, through creative language, of the reverberation of violence within the bodies of women, and particularly within our own

¹ Doutora em Psicologia (Psicologia Clínica) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, (PUC/SP). Docente no Instituto de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: paulalandcuri@id.uff.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4204-8785>.

² Psicóloga. Mestranda em Psicologia pelo Programa de Pós Graduação da Universidade Federal Fluminense (UFF) E-mail: luizacms@id.uff.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-8841-406X>.

Recebido em 28/02/2025, aceito para publicação em 21/07/2025.

bodies as researchers and listeners. In light of this, we extend an invitation to conceive of knowledge production that seeks to delineate and lend existential weight to the processes of construction and destruction observed therein, so as to facilitate the emergence of worlds grounded in the multiplicity and dignity of women's life forms.

Keywords: gender-based violence; narratives; research methodology; feminisms.

Narrar con Mujeres: una invitación a otras prácticas ético-estéticas-políticas de investigación

Resumen: El presente artículo surge de inquietudes provocadas por la investigación con mujeres en situaciones de violencias de género, teniendo como telón de fondo encuentros grupales en un ambulatorio universitario especializado. Se emprende una trayectoria que asume una indisociabilidad entre estética y política, contenido y forma, para convocar un proyecto ético-estético-político que se contrapone a los ideales de la neutralidad científica y a la violencia de la objetivificación de quienes coexisten en los procesos de construcción de una investigación. Partiremos, pues, de un esfuerzo crítico-analítico y experimental-ensayístico situado y parcial, a partir del cual exploraremos otras formas de producción académica. En específico, se apostará por la narración de historias como una de las posibles herramientas que permite materializar, por medio del lenguaje creativo, la vibración de la violencia en los cuerpos de las mujeres y, especialmente, en nuestro cuerpo que investiga y escucha. Esto puesto, se plantea una invitación para idealizar la producción de conocimientos que intenten dar contorno y existencialización a los procesos de construcción y destrucción que allí son acompañados, de forma a facilitar la emergencia de mundos pautados en la multiplicidad y dignidad de las formas de vida de las mujeres.

Palabras clave: violencias de género; narrativas; metodologías de investigación; feminismos.

Narrar com Mulheres: um convite para outras práticas éticas-estéticas-políticas de pesquisa

Introdução

mas é preciso escolher para quem. (Scheid, 2024)

[...] a mulher calada não incomoda. a mulher calada acomoda o outro. e se incomoda. a mulher que fala incomoda. ela devolve o incômodo como quem devolve uma compra danificada. a mulher que fala entende que para sobreviver é preciso colocar o ar dos pulmões pra fora. inspirar sim. mas expirar também. a mulher que fala é um perigo. pro outro. a mulher calada é um perigo. para si. já nascemos sendo um perigo.

Encontramo-nos em uma peculiar encruzilhada como pesquisadoras psicólogas que atuam em um programa extensionista, em um ambulatório especializado em violências de gênero contra mulheres, localizado em uma universidade federal, oferecendo atendimento psicológico às mulheres que se

inserem em nossa proposta. Nesse programa, intitulado Programa Extensionista Mulherio: tecendo redes de resistência e cuidados, que também articula outros braços da formação universitária – a saber, ensino e pesquisa –, entramos em contato com diversas narrativas de mulheres que sofreram algum tipo de violência de gênero. Perdidas, imersas em angústias e dúvidas, sentindo-se estranguladas e cansadas de tanto nadar contra marés, essas mulheres, em nossos encontros grupais, precisam realizar um novo trabalho: o de ritmar, o de nomear afetos, experiências e intensidades que viveram e vivem.

Como facilitadoras do movimento grupal, convidamos as mulheres que chegam ao programa a comparecerem a encontros semanais de aproximadamente uma hora e meia. Esse espaço foi pensado como uma forma de convidá-las a exercitar a contação de histórias, a escuta e o aprendizado coletivos, diante dos temas comuns das violências e das formas peculiares como estas se manifestam e produzem efeitos em suas vidas.

De acordo com a 10ª Pesquisa Nacional de Violência contra a Mulher,

36% das mulheres cariocas relatam ter sofrido violência doméstica ou familiar perpetrada por um homem, taxa superior à média nacional (30%) (Datasenado, 2023). Além disso, a percepção sobre o recrudescimento dessas violências segue a mesma tendência: enquanto a média nacional chega a alarmantes 74%, entre as fluminenses alcança 80%. É fundamental atentar para aspectos essenciais dessa leitura: a percepção sobre a incidência da violência varia segundo a cor/raça da mulher, sendo que mulheres negras, pardas e indígenas percebem aumento expressivo em percentuais maiores do que mulheres brancas e amarelas (Datasenado, 2023).

Cumpre esclarecer que a expressão “por um homem”, apresentada de forma aparentemente genérica, aparece assim no documento oficial. Somente em determinado momento são mencionadas as diferentes ocupações que esses homens possuem em suas vidas: 52% da população feminina nacional é agredida pelo marido ou companheiro; 15%, por ex-namorado, ex-marido ou ex-companheiro; 7%, por pai ou padrasto; 6%, por namorado; 5%, por

irmão ou cunhado; e 10%, por outros não identificados (Datasenado, 2023). Apesar de esses dados se limitarem às formas de violência que ocorrem na vida privada – não abrangendo outras que o referido programa de extensão também acessa, como intolerâncias religiosas, transfobias e assédios morais e sexuais no ambiente de trabalho –, eles nos ajudam a compreender o que Despentes (2016, p. 28) expõe crumente: Nunca iguais, com nossos corpos de mulheres. Nunca em segurança, nunca como eles. Somos o sexo do medo, da humilhação, o sexo estrangeiro”.

Desse lugar é que as mulheres, em suas diferentes posições e marcações sociais – tal como Crenshaw (1989) propõe em sua categoria de análise das interseccionalidades –, partem: do medo, da vergonha, da culpa e da possibilidade de se aliarem ao patriarcado, submetendo-se em troca de migalhas; ou das resistências, pagando o preço de se tornarem mulheres desviantes. Nesse contexto em que atuamos, notamos ser necessária uma escuta atenta e sensível, capaz de sustentar e tensionar essas vivências tão comuns,

compreendendo essas pacientes como partes singulares de uma maquinaria patriarcal e racista que estrutura nosso social – o que Rolnik (2019) nomeia como Regime Colonial-Capitalístico.

Nessa encruzilhada, percebemos a produção de uma diferença que nos atravessa e seduz como corpos pesquisadores: supostas detentoras de determinadas verdades sobre essas pacientes, vistas como alienadas ou ignorantes sobre si mesmas. Somos apresentadas a uma narrativa hegemônica de neutralidade – um olhar de “lugar nenhum” –, tão preconizado por teorias clássicas acadêmicas e psicológicas, que nos posiciona como meras ouvintes.

Se nos constituímos como pesquisadoras nesses termos, trilhamos um caminho que nos autoriza a atribuir verdades sobre o mundo e sobre a produção da ciência propriamente dita, como se nossa escrita fosse atemporal, ahistórica e neutra, agindo como uma voz transparente e sem corpo (Haraway, 2018). Assim seríamos, segundo Diniz e Gebara (2022), um corpo intacto, inacessível às provocações e aos convites que o outro nos faz – o que pode domesticar a potência do

encontro (e de nossa pesquisa), conduzindo-nos a práticas metodológicas que negam o reconhecimento das mulheres como produtoras de mundos e de conhecimentos, dentro e fora do círculo acadêmico. Ao seguirmos essa lógica metodológica, continuamos, simbolicamente, a queimar bruxas, reproduzindo uma história antiga narrada por Federici (2017).

Imersas na busca por outras práticas de pesquisa, somos sutilmente convidadas a percebê-las por um outro viés: o de contadoras de histórias. Desde o nosso primeiro contato grupal, elas nos convidam a pesquisar de outro modo: por meio de seus desestrangulamentos, tropeçamos juntas na tentativa de (re)contar o passado, de forma que possam ser agentes de suas próprias vivências. Transformamos o ouvir neutro e apático em uma escuta que se deixa afetar, que se oferece para apreender a vida de outras mulheres, co-construindo saberes que reconheçam suas experiências, necessidades e direitos (Diniz; Gebara, 2022). Entregamo-nos a uma escuta que persiste na abertura dos possíveis, na visibilização dos processos de submissão e insurgência,

no estranhamento e na inquietação constantes – reafirmando a possibilidade de circulação, de abertura de sentidos e de (re)formulações das condições de vida.

Nesse sentido, a proposta deste trabalho é um convite: o de pensar como nossas práticas acadêmicas, em especial no campo dos saberes psicológicos, podem produzir fissuras nos modos instituídos de fazer ciência, ao nos colocarmos como facilitadoras e compositoras de histórias a partir dos encontros com mulheres e daquilo que se produz enquanto experimentamos esses processos.

Como elas, buscamos nossas palavras – uma composição que materialize aquilo que nos solicita passagem; um organizar que, em alguma medida, possa dar conta daquele incômodo que move nosso pesquisar. Assim como elas, estamos em processo de (re)construção de histórias, de (de)compor fios, de materializar e nomear os caminhos e vetores que nos fizeram estabelecer tal compromisso ético, político e estético de pesquisa.

Em vez de depurarmos, faremos um chacoalhar de cristais, de impurezas, daquelas visualidades tão

difícies de serem apreendidas pela linguagem. Passamos de um campo supostamente dado e conhecido das violências de gênero à abertura de suas diferentes maneiras de estar e produzir efeitos na vida cotidiana das diversas mulheres – em vez de pré-conceitos, trabalharemos com invenções e reformulações.

Esta escrita diz menos sobre acompanhamos, registrarmos e pensarmos sobre essa mulher – acessando seus segredos mais íntimos para dissecá-los, exumá-los, analisá-los e reorganizá-los a partir de nossas conclusões –, e mais sobre como esses encontros nos abrem a possibilidade de exercermos a função de escutadeiras a serviço da invenção, da potência criativa dos corpos, convidando-os a exercitar o pensamento de modo a entrar em contato com as intensidades e os afetos da vida cotidiana, dando-lhes sentido, direcionamento, palavras e materialidade.

Somos escutadeiras do fim do mundo

A experiência de pesquisar nesse ambulatório especializado, situado em uma universidade, nos coloca na posição de acompanhar as

estratégias de (sobre)vivência dessas mulheres. Independentemente das diversas perguntas de pesquisa disparadas por meio desses encontros, vemo-nos envoltas em um processo de formações subjetivas e desejantes no campo social, em um determinado contexto histórico carioca. Deparamo-nos com momentos que fecundam sentidos para as vivências que as trouxeram até nós.

Múltiplas são as nomeações e adjetivações que elas atribuem a si e às próprias histórias: raiva, culpa, vingança, aceitação, submissão, dominação, cegueira, resiliência, fantasias. Possibilidades infinitas emergem em nosso ambulatório; porém, o que aqui nos caberá são as afetações que surgem no encontro com mulheres – mesmo em posições distintas. Nosso papel é facilitar que histórias sejam produzidas, se multipliquem em sentidos e efeitos, sejam descartadas e (re)elaboradas. Assim sendo, entendemos o grupo como um encontro com o múltiplo, com o infinito limitado que é a experiência de viver.

Ao mesmo tempo, esse trabalho grupal permite certo processo pedagógico de compreensão das

produções coletivas de subjetividade, que introjetam ideais patriarcais e embranquecidos, capazes de ditar certos “destinos naturais”, a depender da forma como o corpo é lido. Constrói-se, em um jogo de diferenças nos níveis material e econômico, uma oposição entre masculino e feminino, inaugurando uma diferença constitutiva importante, com consequências ontológicas – o tal binarismo sexual (Wittig, 2022).

Nessa produção discursiva, os sujeitos são convocados a responder e a se adequar ao que é esperado dentro de seu grupo social, apagando o caráter construído para ser entendido no cotidiano como dado natural, como destino biológico próprio daquele grupo. Por conseguinte, às mulheres resta a resiliência diante das mutilações e abusos; a centralidade no exercício do cuidado; os casamentos de servidão; e a apropriação de seu trabalho por terceiros (masculinos), supostamente sem a possibilidade de fuga (Wittig, 2022).

Nessa constelação em que mergulhamos – intrigadas pelo “o que há em cima, embaixo e por todos os lados são intensidades buscando expressão” (Rolnik, 2019, p. 67) –,

deparamo-nos com mulheres que sentem o esgotamento das experiências de violência que sofrem, sobretudo no ambiente doméstico. Gradualmente, elas revisitam suas histórias, tão cruas e vibrantes em seus corpos, para experimentarem outra forma de enxergá-las: a partir de uma narração própria, usando termos que lhes cabem e lhes parecem certos.

Nesse espaço, somos convidadas a testemunhar a vivacidade dessas situações, das cenas narradas e dos processos que unem afetos e linguagem no descobrimento de novas maneiras de contar eventos passados, até então contaminados pela captura de um outro que colocava em xeque sua autonomia. Essa vivacidade do encontro grupal nos convoca e nos enlaça de tal maneira que nos posiciona na vibração – na condição de viventes que recebem e não conseguem deixar de se afetar pelos sentimentos, afetos e movimentações (Palhares, 2008).

No par pesquisadora e mulher participante da pesquisa, emerge um tempo-espacço específico, no qual o passado (re)acende formas de estar no mundo hoje e amanhã, abrindo uma gama de possibilidades a serem

descobertas ou descartadas. Assim, caminhamos em um processo de elaboração de outros territórios existenciais.

Repare: trabalhamos por meio das fissuras, ansiosas por ver, em meio àquele ambiente devastado, seco e árido, ranhuras das quais brota água – tão essencial para quem tem sede de vida. Seja qual for o contexto específico que essa mulher apresente, conservase esse manejo na direção das resistências, do resgate de uma construção de vir-a-ser não mais limitada (e forçada) por um certo outro que reproduz, na relação, o binômio dominação–submissão.

Uma pausa: esse processo grupal, inserido em uma prática ético-política de psicanálise crítica, abre espaço para um campo ilimitado de possibilidades de manejo e de sentidos, de produção constante de universos finitos. Diante dessas mulheres e de nossas implicações na pesquisa, exercitamos o estranhamento do cotidiano – o despertar de um corpo que, em si, contém possibilidades infinitas e limitadas de se colocar no mundo.

Criamos, conjuntamente, um espaço que busca acompanhar os

movimentos do desejo, bem como as estratégias da vida que se colocam ora em um polo ativo, de reafirmação da criação; ora em um polo reativo, de reafirmação do outro, do repetitivo, do comum.

Considerando que elas chegam mergulhadas no desespero da infinidade finita diante do rompimento (ou de sua mera possibilidade) com aquele que as violenta, tentamos promover a passagem dos afetos, atribuindo-lhes sentido, ao passo que facilitamos a (des)construção de mundos.

Todo esse acompanhamento não pode se desvincular do desejo peculiar de correntes coletivas de sentido, de processos de produção de subjetividade que colocam em voga a hegemonia de certas existências em detrimento de outras. Foucault (1979) aponta para uma captura que se dá por meio das relações de poder, nas quais a vida entra em jogo no campo político – a famosa postura estatal moderna de “fazer viver, deixar morrer”. Nesse sentido, as políticas de controle social se fortalecem a partir de saberes como a demografia e a estatística, que enquadram a vida, conhecendo certos padrões esperados da população e

buscando corrigir os sujeitos desviantes, “normalizando-os”.

Além disso, não podemos esquecer que se trata de um acompanhamento que nos coloca em jogo como mulheres que pesquisam violência contra outras mulheres. Tomar o próprio conceito de *mulher* de forma ingênua é um imbróglio do qual não devemos escapar, tratando-se de uma construção que entra em disputa a partir dos estudos *queer*, que compreendem haver múltiplas formas de existir e performar o “ser mulher”.

É, pois, uma categoria política – e não um fato biológico ou natural (Wittig, 2022; Butler, 2017). Assim sendo, o conceito é utilizado não como sinônimo de uma experiência universal do ser-mulher, mas pensado em termos de um devir-mulher, que coloca em questão corpos que, dentro de uma estrutura binária de gênero, encontram-se mais próximos do polo “mulher”, a partir de determinadas performances e leituras sociais de gênero.

Esses mundos possíveis pontuados requerem o reconhecimento de suas produções a partir do emaranhado de espécies companheiras – humanas ou não. A mundificação, em Haraway (2016), nos

coloca diante de nosso comprometimento ao adentrarmos os jogos das relações, a partir dos quais habitamos certos mundos (materiais e subjetivos) e destruímos outros. Esses jogos se materializam por meio da interação entre corpos e linguagem, que engendram subjetividades habitantes e construtoras de certos mundos, sustentando-os e modificando-os.

Mundos esses recheados de perspectivas, experiências, construções coletivas e individuais, visões parciais sobre a realidade e modos de vida – num misto de realidade e ficção. Vivemos em rede, conectados, e cada ator ou atriz com quem entramos em contato contribui, de alguma forma, para nosso vir-a-ser, para nossa própria existência.

Por conseguinte, convidá-las a reviver o passado segundo um testemunho próprio – atualizando-o a partir da necessidade de dar-lhe novo sentido, de sair daquela névoa que encobria tantas situações difíceis e insuportáveis – coloca em movimento a linguagem criativa, o exercício da produção autobiográfica oralizada. Elas experimentam o fim de um mundo para

que, com os destroços, consigam construir outro.

Para que aquela terra árida se torne pronta para o plantio, a água precisa escorrer para fora. Depois disso, será necessário escolher as sementes que desejam plantar – as possibilidades de composição de um jardim próprio. A contação, aqui, se mostra primordial não apenas para a água escorrer e, do caos, algo se construa, mas também porque coloca em movimento o ato de escolher para si os possíveis vir-a-ser: o mundo que querem habitar, o que precisam descartar e o que desejam reforçar. Narrar é colocar esse processo em perspectiva – além de materializá-lo.

Destrução, recomposição e nascimento: um ciclo infinito que, no caso dessas mulheres e de nossas pesquisas, é disparado a partir de um grande acontecimento – o esgotamento provocado pelo contato violento.

Geralmente, elas chegam até nós não por um evento específico, mas pelo cansaço extremo causado pela falta de ar, pelas palavras engolidas, pelo perder-se diante do espelho. Após tanto engolirem, têm sede de falar, de narrar, de escolher as próprias palavras

– mesmo que tímidas e incertas. Sede de compor, de viver, de destruir.

Essa força de rompimento e conexão propiciada pela contação coloca em perspectiva a linguagem como remédio e veneno – aquilo que estabelece os meios pelos quais (re)elaboramos o passado enquanto projetamos um novo futuro (Menezes, 2023). O próprio ato de narrar configura-se como um meio de situar o sujeito no mundo, dando-lhe reconhecimento na rede de atores e atrizes que o compõem.

Esse singelo ato, aparentemente vinculado a um espaço e tempo específicos – o do encontro conosco –, dispara processos diversos que reverberam por sua vida e pela nossa, extrapolando o momento íntimo. Ou seja: nessas experimentações, nesse tensionar e dar sentido, extravasar intensidades e nomear momentos, conseguimos dar consistência a uma vontade de vida capaz de resistir aos choques do cotidiano (Menezes, 2023), às situações que outrora eram completamente desestabilizadoras.

Não em uma esperança de que surjam mulheres maravilhas, mas na desconstrução de Amélias – presas em tecituras que repetem e/ou aprofundam

as violências sofridas nos diversos ambientes, diminuindo-as até que caibam na pequenez que a dominação exige.

Essa contação, pois, corrobora a criação de recursos para a reinserção nos fluxos e na realidade material em que vivem, possibilitando-lhes experimentar outras estratégias de vivenciar o real. Ela questiona, indaga, divaga, conserta, estraga, amarga, adoça, contradiz e reafirma mundos.

Já é tarde, tudo está certo, cada coisa posta em seu lugar. Filho dorme, ela arruma o uniforme, tudo pronto pra quando despertar. O ensejo a fez tão prendada, ela foi educada pra cuidar e servir. De costume, esquecia-se dela, sempre a última a sair. Disfarça e segue em frente, todo dia, até cansar. E eis que, de repente, ela resolve então mudar. Vira a mesa, assume o jogo, faz questão de se cuidar. Nem serva, nem objeto, já não quer ser o outro, hoje ela é um também. (Pitty; Mendonça, 2009).

Num certo sentido, adentramos, como pesquisadoras, em um processo de deriva, entendido como um ressignificar dos elementos que compõem o espaço urbano e que imbricam a criação de narrativas

artísticas voltadas à materialização dessa experimentação do local (Laterza; Barros, 2023). Escutar histórias trágicas – de naufrágio de um certo mundo – convida-nos a romper representações dominantes, a estranhar determinadas estratégias de vida e a destruir nossas próprias certezas diante de um campo supostamente conhecido por nós.

O movimento de pesquisar costuma se iniciar pela bibliografia, na qual somos seduzidas a torná-la verdade e a submeter as experiências de campo aos seus ditames. Se nos deixarmos levar por verdades inteligíveis, picotamos as histórias a partir do que nos cabe, buscando reafirmar hipóteses e repetindo discursos pré-construídos.

Como psis inseridas em práticas de pesquisa, podemos seguir a lógica médica que justamente promove tal picotar – um corte e colagem que almeja repetir o já conhecido, enquadrar, tornar o singular redundante e encaixá-lo em algo já relatado pela bibliografia técnica (Clavreul, 1983).

Como feministas, podemos igualmente nos ensurdecer e, de modo violento, fazê-las engolir nossas próprias palavras, reafirmando-as

como pessoas trágicas a serem tuteladas. Num convite à produção de fissuras nessa lógica, tentamos adaptar essa deriva como uma perspectiva a ser adotada no campo dos territórios existenciais: deixamo-nos conduzir pelas solicitações do terreno e pelos encontros que travamos com ele, seguimos seus fluxos e abrimos espaço para os acasos e o caos (Laterza; Barros, 2023).

Isso significa estarmos preparadas para sermos tocadas pelos mais diversos sentimentos e expressões emocionais, permitindo fluir o acontecimento e esse ciclo de vida e morte, sem que abandonemos a conexão que mantém o encontro vivo. Sob uma perspectiva psicanalítica, coloca-se a transferência como facilitadora e condição desses movimentos.

Recordamos, brevemente, que, no olhar psicanalítico, a transferência – tal como Freud a define – é o meio pelo qual conseguimos trabalhar psiquicamente em conjunto com o(s) sujeito(s). Pode ser compreendida como uma reedição de impulsos e fantasias que são despertadas e tornadas conscientes no progresso dos encontros (Pinheiro; Carvalho, 2014).

Esse caminhar despretensioso (porém implicado) permite-nos entrar em contato com aquilo que ainda não há, mas que pode brotar (Tiberghien, 2013, apud Laterza; Barros, 2023). Podemos transformar e criar a partir de situações aparentemente sem escapatória, desde que estejamos abertas a novos significados e percepções.

Em vez de pesquisarmos sobre mulheres, preferimos o FazerCOM, que envolve invariavelmente escutar histórias de reinvenção a partir de um acontecimento doloroso – e que, nesse escutar, nos coloca diante de nossas próprias centralidades e certezas acerca do mundo (Moraes; Tsallis, 2016).

Assim sendo, tornamo-nos escutadeiras da caminhada dessas mulheres, colocando em voga um mundo povoado, composto por diversos mundos – ou seria melhor dizer: mundos que se encontram e, nas suas bordas de contato, formam o compartilhado? Somos contestadas, surpreendidas, reposicionadas e deslocadas a partir desses encontros e, ao percebermos sua riqueza de composições, podemos modelar novos arranjos e novas formas de lidar com esse corpo pesquisador.

Estarmos abertas a esse outro caminhar metodológico nos apresenta uma riqueza de novas experiências e histórias que, anteriormente, foram ignoradas em prol da construção do mundo hegemônico, masculinista, branco e burguês – que as torna indignas de serem ouvidas e citadas nas histórias convencionais (Scott, 1998).

Quando saímos da transcendência – do olhar de lugar nenhum, aquele que tudo enxerga –, percebemos a existência de histórias que desmascaram as performances naturalizadas de diversos fenômenos sociais, como o gênero, os relacionamentos afetivos, as violências em sua forma cotidiana, as supostas faltas e incapacidades de certos grupos e a compulsória cis-heterossexualidade (entre outros).

(Re)descobrimos uma imensidão de vetores de pesquisa e de práxis que organizam nossas representações sociais compartilhadas, que nos fazem refletir sobre como operamos dentro dessas produções de conhecimento: que mundo ajudamos a construir com nossas pesquisas?

Chegamos a outra encruzilhada: pensar, a partir da contação de histórias, uma política de escrita que potencialize as possibilidades de futuro (Menezes, 2023) – especialmente das que convivem com a destruição e o estrangulamento, possibilitando a emergência de água para quem tem sede.

Neste percurso, se somos tão afetadas pelo encontro com essas histórias, por que não transpor para a escrita acadêmica esse mesmo formato de contato e transmutação com e pelo outro?

Somos facilitadoras da construção de outros mundos

Reafirmamos, nesta escrita, uma composição de trabalho feminista, construída a partir de corpos de mulheres. Assim, assumimos os riscos de certos embaraços provenientes de uma prática de pesquisa que costuma reafirmar um neutro redigido no masculino (Moraes; Tsallis, 2016). Situar nosso olhar implica trazer à tona outra perspectiva prática de ética de pesquisa, que mescla uma estética política ao ato do trabalho acadêmico.

Ao longo dos encontros grupais, construímos uma relação – o tal

vínculo, ou transferência, a quem preferir – que nos convoca a compor com, deslocando-nos das certezas construídas em direção aos inéditos, aos estranhamentos, a um estremecimento de nossos próprios contornos (Rolnik, 1993). Desse encontro com a diferença, nascem marcas vivas, tão peculiares quanto exigentes. Desprevenidas, somos capturadas por suas histórias, por suas formas de vida singulares, que produzem em nós questionamentos e estremecimentos – inaugurando o processo sutil de “morte” de nossas certezas e composições atuais e abrindo espaço para o surgimento de um novo corpo, de uma nova rede de pensamentos, emoções e percepções.

Como caranguejos-eremitas, precisamos buscar uma nova concha – uma nova forma no mundo – que se adapte ao estado inédito no qual nos encontramos. Se essa marca, efeito do encontro, se instaura e impõe uma exigência de trabalho – a criação de um corpo que materialize e dê passagem a uma nova composição –, o pensamento é uma das ferramentas possíveis para tal (Rolnik, 1993).

Assim sendo, o trabalho acadêmico aqui é concebido como um

entretecimento de constrangimento, acaso e conexão: afetar e ser afetado no encontro, disparando processos de busca por uma nova concha. Reafirmar tal conexão se coloca como um modo de conhecer que se desenvolve em partilha – num receber, acolher e devolver (Moraes; Tsallis, 2016).

Nesse outro manejo da pesquisa, imbricamos processos de construção de saberes situados e criativos, exigindo formas menos tradicionais de escrita. Se estamos nos distanciando da ciência neutra e masculinista, nada mais significativo do que nos aliarmos a outras formas de fazer *ciência* – a serviço de um potencial criativo e disjuntivo das forças que invisibilizam nossos corpos, nossos saberes e nossas narrativas.

Ser mulheres, então, é menos sobre uma categoria universal que se fecha em si mesma na criação de saberes e mais sobre um modo outro de produção acadêmica: o de operarmos e criarmos pesquisas implicadas e éticas, em que as histórias contra-hegemônicas importam (Moraes; Tsallis, 2016). Se estamos em uma jornada de quebrar silêncios e instituídos sociais, de tornar dignas outras formas de existir, precisamos de

evidências de um mundo de práticas e valores alternativos, iluminando a vida desses outros em nossos trabalhos.

A partir da permissão ao estranhamento e das marcas que se instalaram, iniciamos outro tipo de trabalho: o de arrumação e seleção daquilo que cabe em nossa pesquisa – os contornos necessários à produção de uma escrita satisfatória. Aqui, deparamo-nos com mais um desafio: o de escolher palavras, de compor um texto que busque materializar processos que se passam no corpo que vibra – na dimensão das sensações, dos fluxos e das diferenças – mais do que propriamente no material (Rolnik, 2019).

Aqueles encontros se estendem, reavivam questões, atualizam formas de enxergar o mundo e nos convocam a pensar, em termos de pesquisa, modos de caminhar com mulheres, de forma a tornar a diferença e a potência dos afetos mais acessíveis, mais possíveis.

Como podemos trabalhar com essas experiências, essas histórias que nos são narradas? De que forma operamos com tal FazerCOM?

De antemão, precisamos nos recordar do que Scott (1998) aponta

como armadilha: tratarmos a experiência como origem do conhecimento, de modo a criarmos um enrijecimento da identidade do grupo com o qual estamos em contato. Sutilmente, podemos cair em uma escrita reafirmadora e expositora de uma certa diferença, sem nos aprofundarmos nas fissuras que essas histórias comportam e nas condições de possibilidade de sua sustentação.

O que levou essas mulheres a se sentirem presas nas relações com quem as violentava? Como processos revolucionários ou desviantes se instauraram, levando-as a buscar ajuda na criação de estratégias outras de vida? Como se deu o processo de estranhamento de viver no próprio mundo, abrindo-se à experimentação?

Um pensar crítico se faz necessário para expor as lógicas por trás tanto das violências de gênero quanto das estratégias de resistência, das categorias sociais envolvidas nos processos observados. Escutar histórias nos permite, como já colocado, tornar certas experiências visíveis; porém, como pesquisadoras, precisamos estar atentas às categorias que podem emergir – e que, muitas vezes, tratamos como a-históricas

(Scott, 1998): mulheridade, masculinidades, violências, desejos, atos de servidão, relacionamentos amorosos, família, dominação, entre outros.

O peculiar nos dá pistas do coletivo, do mundo hegemônico em que estamos inseridas e das roupagens que o patriarcado masculinista branco assume em nosso contexto histórico-social específico. Dito isso, é fundamental exercermos uma escrita que acompanhe as produções discursivas dos sujeitos, tomando as contações não como evidências legitimadoras e/ou referências de certa identidade grupal, mas como modos de historicizar e acompanhar os processos que as tornaram possíveis.

Por que isso aconteceu dessa forma, e não de outra? O que consideramos como violências de gênero? De que forma são permitidas no cotidiano? Quem pode exercer quais tipos de violência e por quê? O que se coloca em jogo quando uma mulher decide permanecer com quem a violenta? E o que lhe permite romper com a relação? Como facilitamos os processos de resistência? Como performamos feminilidades? Como é

ensinado às mulheres a serem resilientes no contato com a violência?

Independentemente dos objetivos diversos que possam surgir de uma pesquisa a partir desse contato, entendemos que uma ferramenta possível – e ainda timidamente explorada no campo acadêmico – é a de compor histórias. Assim, tornamo-nos autoras de contos, cenas e/ou crônicas que tentam dar contorno àquilo que nos levou ao estranhamento.

Não se trata, aqui, do conhecido método de “estudo de caso”, amplamente utilizado no campo da saúde, mas, sim, de – a partir dos afetos que emergem, dos estranhamentos e deslocamentos que sofremos em campo – ativarmos nossa própria criação, de modo a tornar visíveis os bastidores e processos destrutivos, para que possamos vislumbrar um mundo a ser construído (Menezes, 2023). Um convite, portanto, a darmos espaço à nossa própria escuta fantasiosa sobre esses encontros.

Entendendo que a linguagem, enquanto meio de expor diferentes dores e sofrimentos, não é estável – está cotidianamente se reformulando –

, aproximamo-nos do ponto levantado por Das (2020, p. 68): “algumas realidades precisam ser ficcionadas antes que possam ser apreendidas”. Assim, essas cenas, crônicas e contos se colocam como um recurso de visibilização e viabilização do assimilado acerca dos processos de violência nas diferentes esferas sociais – no nosso caso, especialmente na vida privada –, entremeando-se com reflexões sobre as categorias de análise com as quais buscamos trabalhar.

Isso se torna essencial em nosso contexto atual de retorno de governos de extrema direita, que tratam as questões de violência de gênero como falácia ou exageros, reforçando a negação do reconhecimento dos sofrimentos e dores das mulheres. De 2019 a 2022, tivemos a ascensão de Jair Bolsonaro à Presidência da República – político conhecido pela defesa da “família e dos tradicionais costumes” – e, desde então, observamos um aumento expressivo de cargos políticos ocupados por pessoas alinhadas a esses ideais patriarcais, racistas e classistas.

Faz-se, então, um convite para expandirmos as bordas das

metodologias: sair da objetividade que parte de um corpo transparente, em direção à criação – também nas formas com as quais escrevemos e narramos nossas pesquisas e os encontros que o campo nos propiciou. Isso significa abandonarmos não apenas a inteligibilidade de quem pesquisa, mas também nos permitirmos a própria mutação e a impossibilidade de darmos conta do mundo em sua constante metamorfose.

Não pensamos, aqui, em formas de contar histórias e experiências que afirmem uma identidade, mas em modos pelos quais os fluxos se organizam e se capturam naquele instante – tal como em um pequeno documentário, datado em um certo tempo-espacó. Trata-se de tornar conhecida uma experiência de vida, de modo que possamos, junto de quem nos lê, desfiar os fios das práticas discursivas ali presentes e, simultaneamente, tornar dignas as vidas retratadas, concedendo-lhes reconhecimento e uma forma de reverberar no mundo.

Não basta estarmos receptivas ao encontro: precisamos ser conjuntamente com o outro, construindo um espaço capaz de

facilitar a fermentação do inciado e do impensável. Essa escuta grupal nos convoca a encenar papéis que, embora renovem o passado, se imbricam nos processos de criação de um vir-a-ser – num anseio de deslocamento que, em alguma medida, depende de nossa própria abertura para o novo (Palhares, 2008). “Ambos [analista/analisando] continuam a buscar a expansão de sua ontologia – seguir sendo para poder continuar vivo para si mesmo, para o outro e para o mundo” (Palhares, 2008, p. 109). Abandonamos a suposta neutralidade da pesquisa e reavivamos a autoria por trás da construção de nossos trabalhos – “a marca do escritor não é mais do que a singularidade de sua ausência: é preciso que ele faça o papel do morto no jogo da escrita” (Foucault, 2006, p. 36).

O corpo morre em nome de uma assinatura que transcende. Há, contudo, uma necessidade de produção de saberes voltados à previsão e ao controle de certos fenômenos; todavia, é preciso permitir (e validar) a criação de outras formas de pensar e perceber o conhecimento, aliadas a uma nova linguagem e à passagem dos afetos, dos incertos e das aberturas estruturantes – sem a

exigência de um novo fechamento (Costa, 2016).

Isto posto, fazemos um convite a reanimar nossa escrita: enchê-la de vida, fazer brotar dela possíveis mundos outros, em que narrar se torne parte da materialização de nossas marcas. Contudo, essa proposta exige atenção a uma armadilha que ela mesma nos apresenta: requer-se cuidado na composição das histórias e no documentar dos bastidores da pesquisa, de modo a não expor desrespeitosamente as mulheres participantes. Não podemos confundir a experimentação artístico-política no campo da escrita acadêmica com a ausência de um passo ético anterior – o de refletirmos sobre a responsabilidade diante dessa produção. O como contamos torna-se, assim, primordial.

Estamos reanimando um texto marcado pela morte, em que nossa própria autoria emerge no momento da escrita (Foucault, 2006). Ou seja, apesar de nossa história pregressa e de nos entendermos como sujeitos diante de um vasto mundo, o trabalho acadêmico nasce em um contexto específico: escrevemos porque precisamos dar direção às marcas –

sendo esse espaço uma das formas possíveis de materializar nossas inquietações.

Dessa forma, nossa produção se coloca a serviço de certos moldes e regras, ainda que tentemos expandir suas bordas. Apesar da abertura e riqueza dos encontros, precisaremos, em alguma medida, exercitar a criação de cenas, contos e crônicas que se alieem às chaves teóricas que buscamos expor, construindo pontes entre nossa ficção e nossos conceitos, dando limite e direção a essas criações.

Podemos, pois, pensar em uma contação que se coloque como parte de uma discussão sobre o comum-compartilhado – não como uma verdade imutável e inteligível, tampouco como uma realidade indiscutível em matérias de subjetividade, mas como composições narrativas que integram a construção do saber e que, por isso, devem elas mesmas passar pelo crivo da crítica, da discussão e da controvérsia.

Considerações finais

No nosso contexto local – marcado pelo recrudescimento de ideais patriarcais, racistas e violentos –, como pensar criticamente as

metodologias de pesquisa que envolvem mulheres?

Como podemos, enquanto pesquisadoras, ir ao encontro desse grupo sem reproduzir a forma como as histórias costumam ser contadas, servindo-nos de uma escrita que, na “purificação” da construção da pesquisa, inviabiliza que movimentos de resistência e dignidade aflorem? Como produzir linhas que escapem, na própria escrita do pensamento, da reprodução da tutela do corpo feminino – entendido como alienado e destituído de agência sobre si mesmo?

Com essas perguntas em mente, objetivamos aqui colocar em vislumbre uma prática ético-político-estética de pesquisa, fundada em encontros grupais que possibilitam a escuta de diferentes histórias, recusando-nos a nos aliar a certas metodologias que se satisfazem com moldes que reforçam pureza, neutralidade e hierarquia discursivas.

Assim sendo, permitimo-nos desbravar não somente a construção de uma nova cartografia existencial de nossas pacientes, mas também a nossa própria – numa dupla ativação de potências que se colocam a serviço da expansão da vida e dos saberes

decoloniais e contra-hegemônicos. Percebemos, no dispositivo grupal, a potencialidade de fazer ritmar e circular afetos que outrora não encontravam vias de organização ou de existencialização, perdidos em meio ao desamparo, à angústia e à invalidação.

Diante de situações violentas que, por vezes, deixam marcas na alma, precisamos descobrir coletivamente figuras de linguagem que tentem contornar – ou, ao menos, expressar – a vivacidade dessas dores em seus corpos, em seus múltiplos efeitos e nas possibilidades de atos de ruptura.

Nesses encontros, produzimos escutadeiras de histórias – corpos que escutam atenta e sensivelmente a outra, ao passo que se deixam contagiar pelos afetos e provocações. É um convite ao estranhamento dos caminhos até então certos e conhecidos. Experimentamos e compomos em conjunto, apostando nos encontros como parte essencial de provocar mudanças, deslocar instituídos e (re)construir mundos.

Ao nos indagarmos sobre quais caminhos traçar na escrita acadêmica diante de tamanha riqueza do FazerCOM, apostamos, como uma das

saídas possíveis, na produção ficcional – seja na forma de contos, crônicas ou cenas. Essas produções estão a serviço de um pensar que movimenta a dimensão afetiva, entendendo-a como parte essencial da experiência do ser vivente e forçando-nos a reagir diante de um mundo até então desconhecido por nós.

Essa aposta comporta a radicalidade que a antropóloga Rita Segato (2020) demarca: não mais olhar o outro para conhecê-lo, mas conhecer a nós mesmas no olhar do outro – um fazer pesquisa que aceita ser perguntado, que acolhe o caminhar tateante e o método, ele próprio, como desvio (Gagnebin, 1999). Costurar conceitos é importante, mas, por si só, raramente nos força ao encontro com o múltiplo e o virtual, com as possibilidades de porvires, aprisionando-nos no (re)conhecido passado.

Não basta sermos escutadeiras do apocalipse: precisamos viabilizar o vislumbre de (re)construções de mundos aliados, de conexões outras entre os seres que ali habitarão. Assim sendo, usamos a ficção como inspiração, inquietação e disparador da diferença – uma ferramenta que

mobiliza formas outras de viver, de ser afetada, de afetar e de construir conhecimentos.

Referências

- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. 13^a edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- CLAVREUL, Jean. *A Ordem Médica*: poder e impotência do discurso médico. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. *University of Chicago Legal Forum*, p. 538–554, 1989.
- COSTA, Luís Artur. Compondo subjetivações biografemáticas: a arte como dispositivo nas práticas em saúde mental. *Cadernos Brasileiros de Saúde Mental*, Florianópolis, v. 8, n. 18, p. 04-24, 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/163463/001019231.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 09 jan. 2025.
- DAS, Veena. *Vida e Palavras*: a violência e a sua descida ao ordinário. Tradução de Bruno Gambarotto. São Paulo: Unifesp, 2020.
- DATASENADO. *Pesquisa Nacional de Violência Contra a Mulher*. 10^a edição. 2023. Disponível em: [https://site.mppr.mp.br/direito/Noticia/Publicada-10a-Edicao-da-Pesquisa-Nacional-de-Violencia-contra-Mulher#:~:text=Em%202021%20de%20novembro%20de,de%20Viol%C3%A3cia%20contra%20a%20Mulher](https://site.mppr.mp.br/direito/Noticia/Publicada-10a-Edicao-da-Pesquisa-Nacional-de-Violencia-contra-Mulher#:~:text=Em%202021%20de%20novembro%20de,de%20Viol%C3%A3ncia%20contra%20a%20Mulher). Acesso em: 08 jan. 2025.
- DESPENTES, Virginie. *Teoria King Kong*. Tradução de Márcia Bechara. São Paulo: N-1 Edições, 2016.
- DINIZ, Debora; GEBARA, Ivone. *Esperança Feminista*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022.
- FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa*: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017.
- FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?*. Tradução de Antonio F. Cascais e Eduardo Cordeiro. 6^a edição. Lisboa: Nova Vega, 2006.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

HARAWAY, Donna. *Staying with the Trouble: Making kin in the Cthulhucene*. Durham; Londres: Duke University Press, 2016.

HARAWAY, Donna. *Modest_Witness @Second_Millennium: FemaleMan_Meets_OncoMouse: Feminism and Technoscience*. Nova Iorque: Routledge, 2018.

LATERZA, Mariana; BARROS, José Marcio. Deriva: uma metodologia e uma narrativa poética. *Asas da Palavra: Revista do Programa de Pós Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura*, v. 20, n. 2 Jul./Dez, pp. 65-82, 2023. Disponível em:
<https://revistas.unama.br/index.php/asasdapalavra/article/view/3243>. Acesso em: 10 fev. 2025.

MENEZES, Allan Davidson de Azevedo. *Políticas do Contar: Sobre uma espécie contadora de histórias*. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2023.

MORAES, Marcia; TSALLIS, Alexandra C. Contar histórias, povoar o mundo: a escrita acadêmica e o feminino na ciência. *Rev. Polis Psique*, Porto

Alegre, v. 6, n. spe, p. 39-51, 2016. Disponível em:
<https://seer.ufrgs.br/index.php/PolisePsique/article/view/61380>. Acesso em: 08 fev. 2025.

PALHARES, Maria do Carmo Andrade. Transferência e contratransferência: a clínica viva. *Rev. bras. psicanál.*, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 100-111, 2008. Disponível em:
https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0486-641X2008000100011&script=sci_abstract. Acesso em: 08 fev. 2025.

PINHEIRO, Welber de Barros; CARVALHO, Maria Teresa de Melo. O Conceito de Transferência em Freud. Monografia (Especialização em Teoria Psicanalítica) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

PITTY; MENDONÇA, Martins. Desconstruindo Amélia. In: Chiaroscuro. Faixa 7. Prod. Rafael Ramos. São Paulo: Deckdisc, 2009.

ROLNIK, Suely. *Esferas da Insurreição: Notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo: N-1 edições, 2019.

ROLNIK, Suely. Pensamento, corpo e devir: Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho

acadêmico. *Cadernos de Subjetividade*, São Paulo, v. 1 n. 2, p. 241-251, set/fev. 1993. Disponível em: <https://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUEL/Y/pensamentocorpo devir.pdf>. Acesso em: 06 fev. 2025.

SCHEID, Marcela. Perigosas. In: SCHEID, Marcela. *Estavelmente instável*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2024.

SCOTT, Joan W. A invisibilidade da experiência. Tradução de Lúcia Haddad. *Revista do Programa de Estudos Pós Graduados de História*, v. 16, jan/jul. 1998. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11183>. Acesso em: 08 fev. 2025.

WITTIG, Monique. *O Pensamento Hétero e Outros Ensaios*. Tradução de Maíra Mendes Galvão. 1^a edição. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2022.